

Percepções da alteridade na visualidade contemporânea: como nos posicionamos diante do Outro em situações distantes da nossa

Perceptions of alterity in the contemporary visuality: how we stand before the other in situations far from ours

VALESKA BERNARDO RANGEL* & GIZELY CESCONETTO DE CAMPOS**

Artigo final submetido a 29 de maio de 2017 e aprovado a 29 de maio 2017.

*Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Florianópolis, Departamento Acadêmico de Linguagem, Tecnologia, Educação e Ciência (DALTEC). Avenida Mauro Ramos, 950. Centro — Florianópolis CEP 88020-300 — Santa Catarina — Brasil. E-mail: valeska@ifsc.edu.br

**Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Florianópolis, Departamento Acadêmico de Linguagem, Tecnologia, Educação e Ciência (DALTEC). Avenida Mauro Ramos, 950. Centro — Florianópolis CEP 88020-300 — Santa Catarina — Brasil. E-mail: gizely@ifsc.edu.br

Resumo: Relatamos experiências de ensino de Artes Visuais, realizadas com turmas dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Brasil. O objetivo é investigar como nos posicionamos diante de imagens do Outro em situações distantes da nossa, para além da compaixão e do distanciamento. A partir de imagens do Outro escolhidas pelos alunos, instigamos um diálogo a fim de perturbar nossos olhares acomodados e, em geral, preconceituosos, trazendo questões como alteridade, construção dos olhares, a consciência dos afetos etc.

Palavras-chave: alteridade / percepção / olhares / afetos / visualidade.

Abstract: *We report experiences on Visual Arts teaching, carried out with classes of the Technical Courses Integrated to High School, at Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Brazil. The purpose is to investigate how we stand in front of images of the Other in situations far from ours, beyond compassion and detachment. From the images of the Other chosen by the students, we instigated a dialogue in order to disturb our accommodated and generally prejudiced gazes, bringing up questions such as alterity, construction of gazes, awareness of affections, etc.*

Keywords: *alterity / perception / gazes / affections / visuality.*

Introdução

Gostaríamos de compartilhar um processo que vimos desenvolvendo na unidade curricular de Artes Visuais, em algumas turmas dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Brasil. Somos as professoras Valeska e Gizely, e sempre que possível procuramos atuar ao mesmo tempo em sala de aula. Nosso trabalho baseia-se em uma série de atividades, melhor dizendo, de exercícios provocativos para (des)orientar nossos olhares, que chamamos de “Oficinas do Olhar”. Não existe uma única formatação para a realização dessas oficinas. Existe uma pergunta inicial, e os desdobramentos dependem das imagens trabalhadas e dos diálogos desencadeados. Outras referências vão sendo costuradas ao longo de todo o processo: filmes, livros, notícias de jornal, outras imagens etc.

Esse processo iniciou-se no primeiro semestre de 2014, como parte da tese de doutorado da professora Valeska (Rangel, 2016), que desenvolveu parte de sua pesquisa de campo em uma das turmas da professora Gizely. A partir daí, as oficinas foram apropriadas pelas professoras e por seus estudantes e tiveram outros desdobramentos. Trata-se de um convite para estarmos disponíveis, atentos, abertos a diferentes formas de perceber os outros. Estes Outros são apresentados em imagens de nossa visualidade contemporânea, mas também em trabalhos de alguns artistas visuais.

A pergunta que nos move é pensar: como nos posicionamos diante de imagens do Outro em situações distantes da nossa, para além da compaixão e do distanciamento? Vivemos em tempos desoladores de crescente aversão ao Outro, ondas de grupos de extrema direita se apresentam sem pudores nas redes sociais, atacando mulheres, negros, transexuais, homossexuais, entre outros. O escritor brasileiro Alex Castro criou um termo bastante apropriado para essa questão: “outrofobia”, definido como “rejeição, medo, ou aversão ao Outro. Termo genérico utilizado para abarcar diversos tipos de preconceito ao Outro, como machismo, racismo, homofobia, elitismo, transfobia, classismo, gordofobia, capacitismo, intolerância religiosa, etc.” (Castro, 2015). Contra o preconceito não existem fórmulas mágicas, como o autor sugere, somente educação ou revolução, ou o que vier primeiro.

As micropráticas educativas relatadas neste artigo não pretendem, portanto, resolver ou solucionar de uma vez por todas os problemas gerados por diversas formas de preconceito. Essas pequenas ações têm em si a potencialidade de perturbar nossos olhares e, com isso, talvez revolucionar alguns pensamentos e, quiçá, atitudes.



Figura 1 - Imagem do Outro em uma situação distante da sua, escolhida por um aluno. Fonte: <http://www.ilpiacenza.it/guida/curiosita-piacentine-ilgioco-della-sgerla.html>.

Figura 2 - Imagem do Outro em uma situação distante da sua, escolhida por um aluno. Fonte: <https://beimotiv.wordpress.com/2014/09/25/amor-verdadero/>



Figura 3 · Imagem do artista Deepjoty Kalita, exposição *Amour Fou*, escolhida pelo aluno, relacionada ao Outro da Figura 3. Fonte: <http://indianexpress.com/article/lifestyle/in-the-name-of-love-3/>.

Figura 4 · Imagem de três páginas do Diário do Olhar de uma aluna. Fonte: própria.

As Oficinas do Olhar

Mirar no va unido al entendimiento. Mirar imágenes no explica, mirar imágenes no ayuda a comprender. La función de la imagen, en todo caso, es desafiar, sacudir la comprensión. El saber viene de la mano del relato, de la posibilidad de narrar. (Abramowsky, 2009)

Nossos encontros são semanais, com aulas de 1 hora e 50 minutos, com uma média de 20 alunos por turma. As aulas acontecem no Laboratório de Artes Visuais, que conta com uma boa infraestrutura, se comparado aos padrões das escolas públicas brasileiras. A primeira provocação consiste em solicitar aos estudantes que selecionem imagens (impressas ou digitais) do Outro, em uma situação distante da sua, a partir do seu universo de cultura visual. É exemplo dessa etapa a Figura 1.

A escolha da imagem parte de uma investigação individual, contextualizada nas vivências de cada estudante, considerando também conceitos como a temporalidade e a espacialidade do Outro (Skliar, 2003). Cada estudante apresenta sua imagem e relata seu processo de busca para o grupo, abrindo espaço para interlocução com interpretações diversas da sua, a respeito do Outro presente na imagem escolhida. A partir dessas imagens, desencadeamos um processo de diálogo, de indagações, buscando perturbar, desorientar nossos olhares, para além dos dispositivos simbólicos de excepcionalidade e distanciamento (Cruz, 2006). Nesse sentido, são trabalhadas questões como alteridade, construção do olhar, consciência dos afetos, entre outras.

Nesse exercício de pensar o Outro por meio das imagens, temos a possibilidade de narrar as experiências de olhar algumas delas, em uma prática de conexão com outros textos e outras imagens. Didi-Huberman chama isso de um exercício de montagem, em que não há verdade e ser revelada, há um jogo dialético de montagem e remontagem, de desorganização, de desorientar-se e voltar a orientar-se outra vez, de tomar posição, de se expor. Nisso se constitui sua atitude política (Didi-Huberman, 2008).

Nas imagens escolhidas e apresentadas pelos alunos, vemos muitos “Outros”, e a noção de distância se altera: distâncias geográficas, temporais; Outros que se apresentam em forma de sonhos, desejos, projetos para o futuro. O Outro se apresenta em múltiplos registros, não somente o da vulnerabilidade ou da falta.

Nesses cruzamentos de olhares, nós mesmas vamos nos (des)orientando junto com nossos estudantes. Em uma das turmas, tivemos uma estudante que usava cadeira de rodas. Ela nos fez repensar que é múltipla, que não se define somente por sua deficiência, ao apresentar-se a partir de seus diferentes traços

identitários e biográficos. Um segundo estudante trouxe a fotografia de Adolf Hitler, como um Outro em uma situação distante da sua, porque via esse personagem histórico com admiração por sua capacidade de liderança descomunal, que ele mesmo não possuía. Essas percepções nos fazem voltar a olhar as imagens que já dávamos como vistas, compreendidas e formatadas. Alguns estudantes apresentaram imagens do Outro em situações de vulnerabilidade extrema, e, nesse contexto, apareciam muitos relatos que se situavam a partir da lástima e também do sentimento de que eles possuíam tudo (família, casa, comida etc.), e ainda assim se sentiam tristes. Ou, ainda, que se queixavam muito da vida apesar de terem tudo. Nesses relatos, temos a percepção da alteridade a partir da ideia de que a este Outro sempre lhe falta algo, que para nós nos sobra. Explicitam-se as relações de poder quando os estudantes dizem, por exemplo: “eu que tenho tudo” e “o Outro a que sempre falta algo”. Ou “que sorte eu tenho” e, “que desgraçada é a vida deste Outro”.

Há estudantes que apresentam o Outro em situações que questionam a sua orientação sexual, direção ou inclinação do desejo afetivo, com imagens de casais heterossexuais ou homossexuais (Figura 2 e Figura 3). Surgem imagens potentes de sistemas culturais e sociais opressores, como, por exemplo, o machismo. Outras imagens denunciam desconforto diante dos maus tratos e incompreensão social com pessoas portadoras de transtornos mentais e de comportamento. Outras retratam desabrigados, refugiados e imigrantes. Populações em situação de riscossocial, em áreas degradadas e zonas de conflitos, entre outras. Percebemos afetos diversos, amplos, complexos e até engajados; estes últimos nos levam a inferir a necessidade de atuação latente destes jovens.

Conforme os alunos apresentam as imagens de seus Outros, aparecem conexões com diferentes textos, outras imagens, indicações de músicas e filmes, que são apresentadas por nós e pelos próprios colegas.

Em seguida, os estudantes pesquisam e compartilham trabalhos e biografias de artistas visuais que produzem a partir das questões representadas nas imagens da alteridade que escolheram.

Durante todo o processo, os estudantes registram os relatos da experiência em diários individuais, chamados Diários do Olhar. As Figuras 4, Figura 5, Figura 6 e Figura 7 são imagens de alguns desses diários.

Nos diários, os estudantes ampliam seus registros e reflexões por meio de textos, vídeos e imagens apresentados durante o processo, bem como por suas próprias pesquisas. A partir das imagens do Outro escolhidas por eles, instigamos a pensarem nas seguintes questões: o que percebemos? O que vemos para além da imagem? Como sentimos? Como você chegou até esta imagem?

(O caminho percorrido.) Como você chegou nesta imagem? (Os sentidos.) Como você se relaciona com este Outro que está diante de ti? Como esta imagem te afeta? Que fazemos com tudo isso? Quais os desdobramentos? Que conexões (distâncias e aproximações) estabelece com tua vida?

Durante as oficinas, trabalhamos a partir dos conceitos de olhares e alteridade, entre outros. Cabe ressaltar que há um profundo exercício de escuta atenta e respeitosa durante o compartilhar das imagens e seus afetos. Orientamos para que não ocorram julgamentos, e sim acolhimento. Nos interessa investigar os processos de construção dos olhares, as relações de visibilidade e invisibilidade que se conformam diante de certas imagens da alteridade, os efeitos desses olhares, pensar também em como o que olhamos nos conforma. Sobre a questão do olhar, trabalhamos com o texto do cineasta iraniano Abbas Kiarostami (2004), “Uma boa, boa cidadã”. Nesse texto, Abbas relata seu percurso pela Avenida Paulista (São Paulo, Brasil) ao seguir uma moradora de rua. O autor mostra-se através de seu olhar nu, desprovido do “politicamente correto”, em plenitude, sem temores de ser rechaçado. Às vezes um olhar como esse, sem filtros, se faz necessário para identificar justamente os pontos cegos, aquilo que pensamos e não chegamos a pronunciar, o que nos enfrenta, o que nos (des)orienta. Nas palavras de Jorge Larrosa, “el cineasta pone en juego toda su atención para cancelar cualquier proyección emocional o de cualquier otro tipo y conseguir darnos a ver (y a pensar) la belleza lejana e incomprensible, pero radiante de esa mezcla andante de orgullo y hambre” (Larrosa, 2010:114). Essa Outra apresenta-se no relato como inapropriável, inapreensível em nossos filtros, em nossos modelos fechados de perceber a alteridade.

Essas provocações são tentativas de pensar o Outro para além das caixinhas em que costumamos rotulá-lo. Nas palavras de Carlos Skliar, “la relación con el otro es una relación con un misterio, ni una relación idílica o harmoniosa de comunión, ni de empatía de aquello de ponerse en su lugar” (Skliar, 2003:139). Compartilhamos dessa impossibilidade radical: colocar-se no lugar do Outro. Assim como aponta Tomaz Tadeu da Silva, “antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença, é preciso explicar como ela é ativamente produzida” (Silva, 2014: 99-100). Nos perguntamos, sempre: como se constrói nosso olhar diante desse Outro?

Por fim, os estudantes criam produções visuais que simbolizem todo o processo realizado durante o semestre. As produções são orientadas a partir dos aspectos criativos, compositivos, e de referências teóricas e visuais.

Conclusões

Estamos diante de um mundo hipersaturado de imagens, o que por muitas vezes aniquila a sensibilidade e nos anestesia, nas palavras do artista chileno Alfredo Jaar (2006). Temos que nos indagar constantemente diante de certas imagens, em especial as que retratam o Outro em situações de vulnerabilidade extrema. Nas palavras de Rancièrè,

No es que veamos demasiados cuerpos que sufren, sino que vemos demasiados cuerpos sin nombre, demasiados cuerpos que no nos devuelven la mirada que les dirigimos, de los que se nos habla sin que se les ofrezca la posibilidad de hablarnos (Rancièrè, 2008: 77).

Sendo assim, nos desafiamos todo o tempo a desconfiar das imagens, buscando ir além destas, dos primeiros olhares, das primeiras generalizações, para pensar a alteridade de modos mais complexos, menos dicotômicos, considerando também os contrastes, as diferenças, as sutilezas, as proximidades, ou seja, os diferentes matizes de uns e de Outros, entre eles mesmos e entre eles e nós.

Ao final de cada semestre, solicitamos que os estudantes escrevam uma reflexão sobre a experiência da oficina. Temos consciência de que não conseguimos produzir grandes mudanças nas suas percepções da alteridade, porém, alcançamos provocar alguns ruídos. Isso pode ser percebido quando um dos estudantes comenta, por exemplo:

Claro que nunca vamos conseguir, verdadeiramente, nos colocar no lugar do Outro, até porque se nos preocupamos com tudo o que acontece entraríamos em depressão. Mas não devemos deixar que tudo se torne normal, porque se não a situação poderá piorar.

Nesse processo de conhecimento e reconhecimento de si por meio do seu Outro, estabelecemos um cruzamento de olhares e, dessa forma, produzimos uma tentativa de perturbá-los. Distintos pontos de vista diante de uma mesma imagem, diferentes olhares sobre o mesmo tema. E ao final, nos perguntamos: o que aprendemos todos nós por meio desse cruzamento de olhares?

Referências

- Abramowsky, Ana (2009) *Reflexiones a partir de una experiencia de formación docente*. Disponível em URL: <http://grupos.geomundos.com/sociedad.discapacidad/mensaje-reflexionesapartirdeunaexperienciadeformaciondocenteporanaabramowski.html>
- Castro, Alex (2015) *Outrofobia: textos militantes*. São Paulo: Publisher Brasil. ISBN: 978-85-85938-83-3.
- Cruz, Rossana R. (2006) "Políticas de la mirada: hacia una antropología de las pasiones contemporáneas". In: DUSSEL, Inés (Comp.). *Educación la mirada: políticas y pedagogías de la imagen*. Buenos

- Aires: Manantial, FLACSO/OSDE. ISBN: 9789875000995.
- Didi-Huberman, Georges (2008) *Cuando las imágenes toman posición El ojo de la historia, 1*. Madrid: Antonio Machado Libros. ISBN: 978-84-7774-823-6.
- Jaar, Alfredo (2006) Entrevista concedida a Cristián Warnken. Disponível em: <http://unabellezanueva.org/alfredo-jaar/>
- Kiarostami, Abbas (2004) "Uma boa, boa cidadã". In: Kiarostami, Abbas (2004). *Duas ou três coisas que sei de mim. O real, cara e coroa de Youssef Ishgapour*. São Paulo: Cosac & Naify; Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. ISBN 978-85-7503-367-8.
- Larrosa, Jorge (2010). "Herido de realidad y en busca de realidad. Notas sobre los lenguajes de la experiencia." In: Contreras, José y Pérez de Lara, Núria (Comps.) *Investigar la experiencia educativa*. Madrid: Morata. ISBN 9788471126252.
- Silva, Tomaz Tadeu (2014) "A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, Tomaz Tadeu (org.). (2014) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 14. ed. Petrópolis: Vozes. ISBN 978-85-326-2413-0
- Skljar, Carlos (2003) *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A. ISBN: 8574902578.
- Rancière, Jaques (2008) "El teatro de imágenes." In: A.A.V.V. *Alfredo Jaar. La política de las Imágenes*. Santiago de Chile: Metales Pesados. ISBN 978-956-8415-18-1.
- Rangel, Valeska Bernardo (2016) *(Des)jubicar las miradas, mas allá de la compasión y la lejanía: Percepciones de la Alteridad en la Visualidad Contemporánea*. Tese de doutorado, Universidad de Barcelona, Barcelona, Espanha.
- Castro, Alex (2015) *Outrofobia: textos militantes*. São Paulo: Publisher Brasil. ISBN: 978-85-85938-83-3.
- Cruz, Rossana R. (2006) "Políticas de la mirada: hacia una antropología de las pasiones contemporáneas". In: DUSSEL, Inés (Comp.). *Educación la mirada: políticas y pedagogías de la imagen*. Buenos Aires: Manantial, FLACSO/OSDE. ISBN: 9789875000995.
- Didi-Huberman, Georges (2008) *Cuando las imágenes toman posición El ojo de la historia, 1*. Madrid: Antonio Machado Libros. ISBN: 978-84-7774-823-6.
- Jaar, Alfredo (2006) Entrevista concedida a Cristián Warnken. Disponível em: <http://unabellezanueva.org/alfredo-jaar/>
- Kiarostami, Abbas (2004) "Uma boa, boa cidadã". In: Kiarostami, Abbas (2004). *Duas ou três coisas que sei de mim. O real, cara e coroa de Youssef Ishgapour*. São Paulo: Cosac & Naify; Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. ISBN 978-85-7503-367-8.
- Larrosa, Jorge (2010). "Herido de realidad y en busca de realidad. Notas sobre los lenguajes de la experiencia." In: Contreras, José y Pérez de Lara, Núria (Comps.) *Investigar la experiencia educativa*. Madrid: Morata. ISBN 9788471126252.
- Silva, Tomaz Tadeu (2014) "A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, Tomaz Tadeu (org.). (2014) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 14. ed. Petrópolis: Vozes. ISBN 978-85-326-2413-0
- Skljar, Carlos (2003) *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A. ISBN: 8574902578.
- Rancière, Jaques (2008) "El teatro de imágenes." In: A.A.V.V. *Alfredo Jaar. La política de las Imágenes*. Santiago de Chile: Metales Pesados. ISBN 978-956-8415-18-1.
- Rangel, Valeska Bernardo (2016) *(Des)jubicar las miradas, mas allá de la compasión y la lejanía: Percepciones de la Alteridad en la Visualidad Contemporánea*. Tese de doutorado, Universidad de Barcelona, Barcelona, Espanha.